

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

12 – A Libertação do Espírito (II)

12.09.21

(Parte IV – Capítulo VIII)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -
Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo
2020 - 2022

1

PURIFICAÇÃO

BUDDHI - INTELIGÊNCIA E VONTADE (inteligência discernidora e vontade iluminada)	MANAS - MENTALIDADE INFERIOR (mentalidade animal, física ou sensorial)
<ul style="list-style-type: none"> - Início da purificação: na Buddhi - Principal força para a efetuação: a vontade inteligente - 1º passo: desembaraçar-se do prana de desejo, transformando o ser vital em um instrumento obediente de uma mente livre - Separar ação e pensamento da mentalidade sensorial (desligamento do controle das sugestões de nossa natureza inferior) - Discernir a preocupação com coisas da natureza daquilo que a faz submissa à mente sensorial 	<ul style="list-style-type: none"> - Mente emocional: inclinação / aversão atração / repulsa - apego - Mente receptiva e emocional (base da afeição): inclinação / aversão emocionais - Mente ativa sensorial (mente de impulso dinâmico): canal de resposta emocional - Obstáculo: desejo -> distinguir entre vontade e desejo, entre o prana psíquico e o prana físico - Antes da purificação: dominar a intermitência e o clamor compelidor do prana psíquico, aquietá-lo e prepará-lo para a purificação

2

8.1- Os Quatro Nós Mestres

- Toda purificação é uma libertação, um deixar para trás - é um livrar-se de limitação, ataduras, imperfeições e confusões obscurecedoras:
 - purificação do desejo: liberdade do prana psíquico;
 - purificação das emoções erradas e reações problemáticas: liberdade do coração;
 - purificação do obscuro e limitado pensamento da mente sensorial: liberdade da inteligência;
 - purificação da mera intelectualidade: liberdade da gnose.

- A libertação tem sempre um lado positivo e um lado negativo, um rejeitar e um assumir:

NEGATIVO	POSITIVO
Libertação dos principais grilhões, os nós mestres da alma-natureza inferior: DESEJO - EGO - DUALIDADES - 3 GUNAS	Ser universal em alma, transcendentalmente uno em espírito com o Divino

Uma liberdade de auto-extinção ou auto-imersão no absoluto não é a nossa meta.

3

8.2- O Desejo

- Tem um duplo *nodus* na natureza inferior:

Um nó interior no prana	Um nó sutil na alma
<ul style="list-style-type: none"> • Uma ânsia da força vital nos instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> - nas emoções: uma ânsia no coração; - na inteligência: uma ânsia, preferência de estética, ética, opiniões e julgamentos. 	<ul style="list-style-type: none"> • A buddhi como um primeiro suporte: <ul style="list-style-type: none"> - uma vontade pela qual o secreto Espírito impõe em seus membros mais exteriores toda sua ação e retira delas um ativo deleite de seu ser.

- Quando a alma individual se afasta da verdade universal e transcendental de seu ser, se inclina em direção ao ego, tenta fazer dessa vontade uma coisa sua, uma energia pessoal separada, aquela vontade muda seu caráter, ela se torna um pressionar:
 - cria prazer e dor;
 - se transforma em cada instrumento em uma vontade de desejo, um querer, um ansiar intelectual, emocional, dinâmico, sensorial ou vital.

4

- Mesmo quando os instrumentos em si são purificados de suas particulares espécies de desejo, esse imperfeito tapas pode permanecer. Se permitido persistir, irá reacender os desejos prânicos. Essa semente espiritual, ou início do desejo deve ser renunciada, lançada fora por:

Modo Passivo	Modo Ativo
Ser interiormente imóvel, sem esforço, desejo, expectativa ou qualquer direcionar-se para a ação.	Ser imóvel e impessoal na mente, mas permitir à suprema Vontade agir através dos instrumentos purificados.

5

8.3- O Ego

- A ação do ego, a ação separativa do ser, é a pedra angular de todo o embaraçado labor da ignorância e do cativo. Enquanto não se é livre do sentido de ego, não pode haver nenhuma liberdade real.
- O assento do ego está na buddhi (suporte principal do sentido de ego):
 - é uma ignorância da mente e razão discriminadoras que discrimina incorretamente e toma a individualização de mente, vida e corpo por uma verdade de existência separativa, e são desviadas da verdade reconciliadora maior da unidade de toda a existência.
- Lançar fora o sentido ativo de ego não é suficiente. É necessário substituí-lo por uma unidade com o Divino transcendental e com o Ser universal.
- Quando a alma se inclina em direção à limitação mental, ocorre um certo sentido de separatividade espiritual que leva ao sentido-de-ego: ignorância, esquecimento da unidade.

Para livrar-se dessa separatividade, o modo proposto pelo Yoga integral é:
- Um elevar-se e entregar-se de todo ser ao Divino -

6

- Essa é a libertação integral do ego. Nós nos tornamos unos em espírito e consciência e vida e substância com o Divino, e ao mesmo tempo nós vivemos e nos movemos e temos um variado deleite daquela unidade.
- A vontade para o ser separativo imperfeito, que faz a alma na Natureza tentar individualizar a si própria, é que traz esse movimento errado e cria o ego. Desviar-se desse desejo original é portanto essencial:

Voltar-se para a Vontade sem desejo

- Essas duas coisas são uma, a essência da mukti - libertação do Espírito:
 - libertação da vontade que é da natureza do desejo;
 - libertação do ego.

7

Até esse ponto, o ego assume todo tipo de formas sutis e nós imaginamos estar livres dele, quando na verdade agimos como seu instrumento e tudo o que obtivemos é certo equilíbrio intelectual, que não é a verdadeira libertação espiritual.

Ademais, rejeitar o sentido ativo de ego não é bastante; essa rejeição pode apenas trazer um estado inativo da mentalidade: certa quietude passiva e inerte do ser separado pode tomar o lugar do egoísmo ativo, o que tampouco é a verdadeira libertação.

O sentido de ego deve ser substituído pela unidade com o Divino transcendental e com a existência universal.

8

Essa necessidade surge do fato de que a *buddhi* é apenas um *pratistha*, ou suporte principal do sentido de ego em seu jogo inumerável, *ahankara*; porém, em sua fonte, a *buddhi* é uma degradação ou deformação da verdade de nosso ser espiritual.

A verdade do ser é uma existência transcendente, um self ou espírito supremo, uma alma da existência atemporal, um eterno, um Divino, ou mesmo, podemos dizer em relação às concepções mentais correntes da Divindade, um supra-Divino, que aqui é imanente, abrangente, aquele que inicia tudo e governa tudo, um grande Espírito universal; e o indivíduo é um poder de ser do Eterno, um poder consciente e eternamente capaz de relações com Ele, mas também uno com Ele no próprio âmago da realidade de sua existência eterna.

9

Essa é uma verdade que a inteligência pode apreender, pode, uma vez purificada, refletir, transmitir, reter, de maneira derivada; mas essa verdade só pode ser de todo realizada, vivida e efetivada no espírito.

Quando vivemos no espírito, não apenas conhecemos, mas somos, essa verdade de nosso ser.

O indivíduo então frui no espírito, na beatitude do espírito, sua unidade com a existência universal, sua unidade com o Divino atemporal e sua unidade com todos os outros seres;

esse é o sentido essencial da libertação espiritual do ego.

10

Mas a partir do momento que a alma
se inclina na direção da limitação mental,
surge certo sentido de separatividade espiritual,
que tem suas alegrias,
mas que pode, a qualquer instante,
recair no inteiro sentido de ego,
na ignorância,
no esquecimento da unidade.

Para desembaraçar-se dessa separatividade,
alguns tentam absorver-se na ideia
e na realização do Divino;

11

em certas formas de ascese espiritual
esse esforço assume o aspecto de uma tensão
que visa abolir todo ser individual
e rejeitar,
em uma imersão extática,
todas as relações individuais
ou universais
com o Divino;

em outras formas,
torna-se uma absorção no Divino
e não nesse mundo,
ou a existência é contínua e intensamente
absorvida em sua presença,
sayujya, salokya, samipyta mukti.

12

O meio proposto para o loga integral é
 uma elevação e uma total entrega de todo o ser ao Divino,
 pelas quais não só nos tornaremos unos com Ele em nossa existência espiritual,
 mas também viveremos nele e ele em nós,
 de modo que toda a natureza estará cheia de sua presença
 e se transmutará em natureza divina:

nosso espírito, nossa consciência, nossa vida e nossa substância
 tornar-se-ão unos com o Divino e, ao mesmo tempo,
 viveremos e nos moveremos nessa unidade
 e teremos nela uma alegria diversificada.

Essa libertação integral do ego no espírito e na natureza divina,
 em nosso nível atual só pode ser completa de maneira relativa,
 mas começará a tornar-se absoluta quando nos abriremos à gnose
 e nos elevarmos em sua direção.

Essa é a perfeição na libertação.

13

A libertação do ego e a libertação do desejo,
 juntas, formam a base da liberdade espiritual central.

A sensação, a ideia, a experiência de que
 Eu sou um ser autoexistente separado no universo,
 toda a formação da consciência e da força do ser no molde dessa experiência,
 são a raiz de todo sofrimento, de toda ignorância e de todo mal.

E é assim porque essa separação falsifica,
 seja na prática, seja na cognição,
 toda a verdade real das coisas;
 ela limita o ser, limita a consciência,
 limita o poder de nosso ser, limita a beatitude de ser;
 essa limitação, por sua vez, produz uma existência falsa, uma consciência falsa,
 uma maneira falsa de usar o poder de nosso ser e de nossa consciência,
 e formas falsas, deturpadas, contrárias ao deleite da existência.

14

A alma, limitada no ser e isolada em seu meio,
 não se sente mais em unidade e harmonia
 com seu Self, com Deus, com o universo, com tudo em torno dela;
 mas, ao contrário, encontra-se em desavença com o universo,
 em conflito e desacordo com outros seres que são seus outros selfs,
 mas que ela trata como não-self;

enquanto esse desacordo e essa diferença durarem,
 a alma não poderá possuir seu mundo
 nem fruir da vida universal:

ela estará cheia de desassossego,
 de medos, de aflições de todo tipo,
 em luta dolorosa para preservar-se
 e ampliar-se e possuir seu meio –

15

– pois possuir seu mundo
 é a própria natureza do espírito infinito
 e o impulso necessário em todo ser.

As satisfações que ela tem com esse labor e com esse esforço
 são de um tipo restrito, desvirtuado e insatisfatório,
 pois a única satisfação verdadeira para ela é crescer,
 retornar a ela mesma cada vez mais,
 realizar algum acordo e alguma harmonia,
 criar-se e realizar-se de maneira feliz,

mas o pouco dessas coisas que ela consegue alcançar
 com base na consciência do ego,
 é sempre limitado, inseguro, imperfeito, transitório.

16

Ela está também em guerra com seu próprio self – primeiro porque, visto que não possui mais a verdade central que harmoniza seu ser, ela não pode mais controlar de maneira adequada os elementos de sua natureza nem pôr em acordo suas tendências, poderes e exigências;

ela não tem o segredo da harmonia, porque não tem o segredo de sua própria unidade e não possui a si mesma;

em seguida, como não está em posse de seu self superior, ela deve lutar para encontrá-lo, e não lhe será permitido estar em paz enquanto não estiver em posse de seu ser verdadeiro supremo.

Tudo isso significa que ela não é una com Deus; pois ser uno com Deus é ser uno consigo mesmo, uno com o universo e uno com todos os seres.

17

Essa unidade é o segredo da existência divina, verdadeira.

Mas o ego não pode ter isso, porque está em sua natureza própria, separativa, e porque, mesmo em relação a nós mesmos e a nossa existência psicológica, esse é um falso centro de unidade;

ele tenta encontrar a unidade de nosso ser pela identificação com uma personalidade mental, vital e física mutável, não com o self eterno de nossa existência total.

Somente no self espiritual poderemos possuir a unidade verdadeira, pois lá o indivíduo se amplia na medida de seu ser integral e se une à existência universal e à Divindade transcendente.

18

Toda dificuldade e todo sofrimento da alma provêm dessa maneira de viver, falsa, egoística e separadora.

Como não está em posse de sua autoexistência livre, *anatmavan*, a alma, porque é limitada em sua consciência é, portanto, limitada em conhecimento; e esse conhecimento limitado toma a forma de um conhecimento falsificador.

Uma luta para retornar ao conhecimento verdadeiro lhe é imposta, mas o ego na mente separativa se satisfaz com aparências e fragmentos de conhecimento, que ele junta para formar alguma noção de uma conduta que se revela falsa ou imperfeitamente total;

esse conhecimento malogra e ele deve abandoná-lo para iniciar uma nova busca da única coisa que vale a pena ser conhecida.

Essa coisa única é o Divino, o Self, o Espírito, no qual o ser universal e o ser individual descobrem enfim sua fundação verdadeira e suas verdadeiras harmonias.

Ademais, porque é limitada em sua força, a alma prisioneira do ego é cheia de muitas incapacidades: o conhecimento equivocado é acompanhado da vontade equivocada, de tendências e impulsos equivocados do ser; o sentido agudo desses equívocos é a raiz da consciência humana do pecado.

Essa deficiência de sua natureza a alma tenta retificar mediante normas de conduta que a ajudarão a substituir a consciência egoística e as satisfações egoísticas do pecado pela consciência e a autossatisfação egoísticas da virtude, a substituir o egoísmo rajásico pelo egoísmo sátvico.

Mas o pecado original,
 essa separação de seu ser e de sua vontade
 do Ser divino e da Vontade divina,
 deve ser curado;
 quando retorna à unidade com a Vontade e com o Ser divinos,
 a alma se eleva além do pecado e da virtude,
 entra na pureza infinita autoexistente
 e na segurança de sua própria natureza divina.

Suas incapacidades ela tenta retificar
 por meio da organização de seu conhecimento imperfeito
 e da disciplina de sua vontade e de sua força mal aclaradas
 e governando-as por algum esforço sistemático da razão;

mas disso resulta sempre modos de agir
 e um padrão na capacidade prática
 limitados, incertos, mutáveis e tropeçantes.

21

É somente quando retorna à vasta unidade do espírito livre, *bhuma*,
 que sua ação natural poderá mover-se de maneira perfeita
 enquanto instrumento do Espírito infinito
 e seguir os passos do que é Justo,
 os passos da Verdade e do Poder que são próprios da alma livre
 agindo do centro supremo de sua existência.

Além disso, porque é limitada no deleite de ser,
 a alma é incapaz de apreender a beatitude segura,
 autoexistente, perfeita, do espírito,
 ou o deleite, a Ananda do universo,
 que mantém o mundo em moção;
 ela pode mover-se apenas em uma sucessão, misturada e cambiante,
 de prazeres e dores, alegrias e tristezas,
 ou deve refugiar-se em alguma inconsciência consciente
 ou em uma indiferença neutra.

22

A mente do ego é incapaz de fazer de outra maneira,
a alma que se exteriorizou no ego
está sujeita a essa fruição insatisfatória da existência,
uma fruição secundária, imperfeita,
muitas vezes desvirtuada, perturbada
ou mesmo inexistente.

Contudo, todo o tempo,
a Ananda espiritual e universal está dentro,
no self, no espírito,
em sua unidade secreta com Deus e com a existência.

Rejeitar a cadeia do ego e retornar ao self livre,
ao ser espiritual imortal,
é o retorno da alma à sua própria divindade eterna.

23

A vontade da existência imperfeita separativa,
esse *Tapas* equivocado
que faz a alma na Natureza procurar individualizar-se
– individualizar seu ser, sua consciência,
sua força de ser, seu deleite de existência –
em um sentido de separação,
e a possuir essas coisas como suas, por direito próprio,
e não pelo direito de Deus e da unidade universal,
é o que causa a deformação e cria o ego.

Afastar-se desse desejo original é, portanto, essencial:
retornar à vontade sem desejo,
para que toda fruição de ser e toda vontade de ser
sejam as de uma Ananda livre, universal, unificadora.

24

Essas duas libertações são uma:
libertar-se da vontade que é da natureza do desejo
e libertar-se do ego;
a unidade que resulta da feliz perda
da vontade-de-desejo
e do ego
é a essência de Mukti.

25

... pois ser uno com Deus
é ser uno consigo mesmo,
uno com o universo
e uno com todos os seres.

26

